



PORTUGAL E O BRASIL: Atribuições de duas identidades

Luis Filipe Castro Mendes

Nothing seems less interesting than the narcissistic self-study that today passes for identity politics, or ethnic studies, or affirmations of roots, cultural pride, drum-beating nationalism and so on. We have to defend peoples and identities threatened with extinction or subordinated because they are considered inferior, but that is very different from aggrandising a past invented for present reasons.

*Edward Said, *Between Worlds**

I. DA INFELICIDADE DE SER IBÉRICO...

Um preconceito histórico, persistente no nosso universo cultural desde o Século das Luzes, enfatiza o atraso e a barbárie dos desgraçados povos ibéricos, afastados pelo obscurantismo político e religioso das luzes da civilização, um degrau apenas acima dos mouros e dos cafres, culpados de não serem protestantes, norte-europeus e, conseqüentemente, trabalhadores, individualistas e empreendedores. Durante os séculos XVIII e XIX, Portugal e a Espanha são vistos pelo mundo civilizado (isto é, o mundo organizado conforme os interesses das potências dominantes) como qualquer coisa de intermédio entre a civilização e o exotismo, não tão estranhos que coubessem nos estudos dos orientalistas, mas suficientemente bizarros para despertarem a ironia superior dos viajantes e o fascínio erótico dos poetas e romancistas.

Ironia da História: esta unidade de destino entre portugueses e espanhóis decorre mais da rejeição de que os dois países foram alvo por parte dos novos centros de poder mundial emergentes no limiar da modernidade,

isto é, no fim da idade barroca, do que de uma real identidade de projectos históricos. No século XVI, portugueses e espanhóis, rivais na expansão marítima, sentiam-se, não obstante, partilhar uma identidade comum. Mas esta identidade cultural, visível ainda em Camões, quebrou-se no século XVII, com a tentativa filipina de unificação política sob hegemonia castelhana, que veio determinar um persistente divórcio político e cultural entre os dois países, de que só hoje começamos, felizmente, a sair.

Eduardo Lourenço, no seu ensaio *Nós e a Europa ou as Duas Razões*, contrapõe à razão cartesiana, que funda a nossa modernidade, uma outra razão, ibérica, contra-reformista, barroca, de que o expoente seria Gracián, o da *Agudeza e Arte de Engenho*. Nessa razão barroca participamos espanhóis e portugueses, mas também o que, a partir de espanhóis e portugueses se formava deste lado do Atlântico: não são Juana Inés de la Cruz e o Padre António Vieira expressões maiores do barroco universal, como o virá a ser num genial anacronismo, a escultura do Aleijadinho? Não foi a *Ratio Studiorum* dos jesuítas uma matriz fundadora da cultura no Brasil?

Mas a verdade é que esta rejeição da cultura ibérica foi assumida por um grande número de historiadores brasileiros como a chave que explicaria todos os atrasos, injustiças e opressões sofridos pelo Brasil. A colonização portuguesa seria o pecado original desta terra, o que lhe vedara o acesso merecido ao paraíso.

Esta ideia encontra-se formulada exemplarmente na obra clássica de Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*. Todos os obstáculos ao desenvolvimento do Brasil derivariam dos traços de carácter herdados do colonizador português, construídos como um *tipo-ideal*, à maneira de Max Weber, e contrapostos (sempre seguindo a lição de Weber) àqueles que fundamentam a modernidade, essencialmente derivados da ética do protestantismo. Daí o grande confronto, obsessivo na cultura brasileira, entre o Brasil e os Estados Unidos, encarados estes, mesmo quando demonizados, como o supremo paradigma.

Sabemos qual é a grande obra de interpretação do Brasil antagônica desta visão: é a de Gilberto Freyre. Para o autor de *Casa Grande e Senzala* foi a colonização portuguesa que conferiu a originalidade e o carácter inovador da civilização brasileira, através da miscigenação.

Com a notável excepção de Vamireh Chacon, as correntes dominantes do pensamento social brasileiro têm identificado as teses de Gilberto Freyre com o conservadorismo e a nostalgia de uma sociedade patriarcal e pré-moderna, colocando assim as ideias do mestre de Apipucos como mais um obstáculo ao progresso e à emancipação dos brasileiros. Uma rejeição

tão global que José Guilherme Merquior, sempre polémico, chegou a qualificá-la de “suprema burrice.”

Sem querer intervir agora neste debate (porque penso, como Alfredo Bosi, que é uma questão oca escolher quem foi o melhor colonizador), julgo necessário pensar em que medida aquelas duas correntes de interpretação que assinalei partilham um terreno comum, uma visão que da imagem construída do passado histórico deriva para um olhar intemporal sobre o Outro, o português, e em que medida nós, os portugueses, nos confrontamos com essa imagem intemporal que de nós foram tecendo os brasileiros no processo de construção da sua própria identidade (a piada de português é apenas a manifestação mais superficial e inocente dessa imagem de rejeição).

II. ...À DESGRAÇA DE SER PORTUGUÊS

A comemoração dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil surge num momento particularmente interessante na história das relações luso-brasileiras. Portugal hoje aparece no Brasil, de forma inédita, e para surpresa e desconcerto dos próprios brasileiros, como um país exportador de investimentos produtivos, alguns em sectores de elevada tecnologia, e não mais como um mero exportador de mão de obra pouco qualificada para pequenas empresas de comércio e serviços. Esta mudança da base material da presença portuguesa no Brasil, embora custe muito a ser digerida pelos brasileiros (para o historiador Luís Felipe de Alencastro, por exemplo, o investimento português é apenas um braço subordinado do capital espanhol, esse sim o verdadeiro actor da História), não deixará de trazer mudanças sensíveis à percepção de Portugal deste lado do Atlântico. Por outro lado, a imagem de Portugal como persistência de uma sociedade de Antigo Regime encravada na modernidade europeia, tão cultivada também pela intelectualidade brasileira, mesmo quando solidariamente a denunciava, dificilmente se sustenta face à realidade actual de um país democrático e em curso de europeização acelerada.

Convém que nunca esqueçamos que a imagem de Portugal para os brasileiros tem sido a de um país atrasado, arcaico, imune à mudança, ancorado no tempo como uma nau de pedra silenciosa. Para os conservadores autêntico guardião das tradições de que nasceu o Brasil, para os progressistas resumo de tudo o que o Brasil deveria destruir dentro de si para ser verdadeiramente moderno e minimamente justo, Portugal só tem sido tratado pelos brasileiros como um antepassado.

A comemoração dos 500 anos veio dividir, assim, o Brasil. De um lado estão os que aceitam a herança portuguesa como uma matriz fundadora

da identidade brasileira; do outro estão aqueles que, não podendo negar essa realidade, não se conformam contudo que assim seja, porque pensam sinceramente que todos os atrasos e as injustiças do Brasil derivam em linha directa da colonização portuguesa.

Para dar um exemplo, entre os mais notáveis, um livro como *Os Donos do Poder* de Raymundo Faoro, na sua visão fixista da sociedade brasileira (tudo se joga na sociedade estamental herdada da colonização portuguesa, que se mantém metafisicamente incorrupta através dos séculos), vem tornar mais compreensível a dificuldade que os brasileiros sentem em reconhecer no antigo país colonizador mudanças que muitas vezes não conseguem ver no Brasil. É que o Brasil nunca será “um imenso Portugal,” pela simples razão de que há quase 200 anos que andamos separados.

Na verdade, para um português é mais claro e mais saudável este sentimento de separação do Brasil do que para um brasileiro. Para nós, o colonialismo português jogou-se no nosso tempo nos dramas de África e há muito já que reconhecemos o Brasil como uma outra nação. Não assim no Brasil, que, independente há quase 200 anos, faz gala ainda em se proclamar colonizado (como observou o psicanalista Contardo Calligaris). Deste modo, apesar de Portugal continuar a ser o *horresco referens* para a identidade brasileira, ele continua a ser necessário, de uma forma ambivalente, para essa mesma identidade.

Acresce que à escala mundial vivemos hoje tempos de uma renovada ofensiva ideológica anti-europeia, fomentada essencialmente a partir dos Estados Unidos. Através do conceito de “pós-colonialismo,” cria-se uma frente entre os Estados Unidos, o anteriormente chamado Terceiro Mundo e os países industrializados exteriores à Europa (Japão, Canadá, Austrália), opondo-os em bloco aos europeus.

Toda a ideia (já veiculada em 1992, quando do quinto centenário da viagem de Cristóvão Colombo) de que “comemorar os 500 anos é comemorar a violência e a rapina do colonialismo” vem hoje dessa matriz ideológica, bem mais do que do marxismo, que sempre soube que a violência é parteira da História e nunca simpatizou excessivamente com etnias e sociedades tradicionais. Vem daqueles que atribuem todas as virtudes aos Estados Unidos e aos colonizadores brancos, anglo-saxões e protestantes e todos os estigmas aos colonizadores ibéricos, por acreditarem ingenuamente nas histórias piedosas que os norte-americanos contam sobre si próprios.

Assim, se por um lado a tradicional ideologia anti-portuguesa conhece hoje no Brasil um sensível recuo, registrando-se da parte dos intelectuais brasileiros uma nova curiosidade pela nossa cultura, hoje reconhecida nas manifestações da sua novidade e não mais como expoente de um purismo

linguístico arcaizante, sempre algum velho anti-lusitanismo ressurgir aqui e além, hoje em ligação com esta ofensiva cultural “pós-colonial,” através da qual as universidades americanas fomentam o anti-europeísmo (e é curioso registar que, como assinala Perry Anderson, os grandes expoentes desta corrente são também australianos, neozelandeses e canadianos).

Mas afinal a História foi sempre feita de paixão e de violência, de sonho e de furor. Quem se lembra de negar o que é, porque a sua origem não é a que desejaria, é como a *bela alma* hegeliana, incapaz de se inserir no curso da História: um anjo torto.

Porque envergonhar-se da própria origem é apenas a atitude típica do homem do ressentimento. A América foi um sonho dos europeus. Os portugueses sonharam tanto com o Brasil como todos os europeus sonharam com a América. Não fomos mais do que os outros, mas também não fomos menos. Por isso, do que deixámos podemos orgulhar-nos, sem ilusões idílicas nem remorsos tardios (*ter remorsos*, dizia Espinoza, *é pecar segunda vez*), porque a violência da História foi para nós, como para todos, o quinhão da mesma humanidade.

E Portugal são os portugueses e as portuguesas de hoje, não esse país obscuro e de antanho, convidado de pedra no tempo e na memória, que tantas vezes os brasileiros identificam com Portugal, projectando em nós a imagem do seu próprio passado. Desse passado vimos, mas também contra esse passado nos fizemos no que somos hoje, para o bem e para o mal. Desmentindo o belo poema de Manuel Bandeira, os portugueses não podem ser os avozinhos dos brasileiros, pela simples razão de que temos a mesma idade.

Obras Citadas

- ANDERSON, Perry. *The Origins of Postmodernity*. Londres: Verso, 1998.
BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder, Formação do Patronato Político Brasileiro*. Porto Alegre: Globo, 1957.
FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Lisboa: Livros do Brasil, 1957.
HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa ou as Duas Razões*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988.
MERQUIOR, José Guilherme. *in Gilberto Freyre na Universidade de Brasília*.